

Brasil pode precisar ir ao FMI, diz Broda

Economista argentino diz que governo brasileiro tem de deixar de ser orgulhoso

ARIEL PALACIOS

Os argentinos não estão tão certos de que o Brasil está a salvo da crise. “Em uma crise, há luxos que não podem ser dados e orgulhos que não podem ser levados em conta”, disse ao **Estado** o economista argentino Miguel Ángel Broda, fazendo referência às recentes declarações de membros do governo brasileiro resistindo a um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Com ironia, Broda sustentou que “a necessidade tem cara de herege”. “Muitas medidas devem ser tomadas para restaurar a confiança e se não funcionarem, apesar do que digam as autoridades brasileiras, haverá necessidade de ir ao Fundo e acelerar o cronograma de privatizações”.

Segundo Broda, se o Brasil conseguir manter sua política cambial “o impacto sobre a Argentina será pequeno” e concentrado no setor automobilístico —

que constitui 24,4% do total exportado ao Brasil e 3% do total das vendas argentinas — e em produtos lácteos. “O setor automobilístico tem capacidade adi-

PERDENDO TERRENO				
Projeção de exportações argentinas para o Brasil, em US\$ milhões				
Setor	1997	1998		Diferença
		Antes da crise	Depois da crise	
Autos	2.266	3.186	2.200	986
Combustíveis	1.354	1.401	1.401	0
Alimentos	859	902	794	108
Produtos primários	843	950	850	100
Máquinas e equipamentos	598	720	550	170
Químicos e plásticos	457	500	397	103
Confecções	450	472	350	122
Metais	125	131	101	30
Outros	443	465	372	93
Total	7.395	8.727	7.015	1.712

Fonte: Alpha Estudio de Economía

BRODA DIZ
QUE NÃO
TEME
RECESSÃO

cional em todo o mundo e, portanto, o impacto será fortíssimo”, pondera. “Se o impacto da crise ficar limitado à redução da taxa de crescimento no Brasil ou à recessão, o impacto sobre a nossa economia talvez seja menor”, avalia.

Broda considera que 47% das exportações argentinas ao Brasil, ou US\$ 3,4 bilhões, enfrentarão dificuldades para encontrar novos

mercados. Os restantes 53%, ou US\$ 3,8 bilhões, terão poucas ou nulas dificuldades de colocar-se em outros mercados.

Entretanto, Broda disse ao **Estado** que o “problema para a Argentina ocorrerá se o Brasil mudar sua política cambial, o que aumentaria o risco com o qual são vistos todos os países emergentes”. Neste caso, as saídas de capitais e depósitos poderiam impactar o nível de atividade da Argentina. Broda não teme a recessão e sustenta que a Argentina está em processo de crescimento “espeta-

cular”, pois “cresceu entre 7,5% e 8% neste ano”. Se os efeitos do ajuste brasileiro ficarem limitados ao desestímulo do nível de atividade, eles “poderiam custar, à Argentina, entre 0,2% e 0,3% do Produto Interno Bruto, ou US\$ 500 milhões a US\$ 800 milhões”. O economista afirma que este seria somente o efeito direto de “menores exportações ao Brasil que não pudessem ser colocadas em outros mercados”.

Apesar dos efeitos colaterais que o ajuste brasileiro terá na Argentina, que exporta ao Brasil 33% do total de suas vendas ao exterior, os economistas não querem que o sócio do Mercosul volte atrás. Para o economista Guillermo Mondino, “o pacote fiscal fez boa parte do que era necessário e hoje a situação está sob controle, mas ainda continua vulnerável”, diz. Segundo Mondino, “o Brasil tem instrumentos para driblar esta crise, mesmo não querendo recorrer ao FMI”.

Segundo Débora Di Giorgi, da consultoria econômica Alpha, a queda nas exportações argentinas ao Brasil seria de US\$ 1,7 bilhão em 1998. As montadoras perderiam US\$ 986 milhões e as vendas de máquinas e aparelhos cairiam US\$ 170 milhões.

As saídas, além da busca de mercados alternativos, são poucas. Para o economista Miguel Bein, “não há grande coisa a fazer, a não ser administrar austera e moderadamente o orçamento, arrecadar todos os impostos que se possa e modernizar as relações trabalhistas”.



Broda: impacto na Argentina dependerá do rumo do câmbio do real